

Editorial



Correspondendo de novo a um repto lançado pelo professor António M. Cunha, reitor da Universidade do Minho, na sessão de apresentação do anterior número de “Forum”, o Conselho Cultural empenhou-se em organizar um número duplo da revista, de modo a actualizar a sua publicação.

Tal tornou-se possível devido à colaboração de praticamente todas as Unidades Culturais, que nos facultaram artigos relacionados com as suas colecções ou com a investigação que nelas ocorre, bem como crónicas relativas a algumas das principais iniciativas que promovem e os respectivos relatórios, não esquecendo naturalmente as iniciativas do próprio Conselho Cultural.

Prosseguindo na senda aberta, julgo que com apreciáveis resultados, no número precedente com o dossier dedicado à Cultura, desafiamos os presidentes de todas as Escolas e Institutos da UM, bem como os presidentes do Conselho Geral e da Associação Académica da Universidade do Minho, a testemunharem sobre o seu conceito de Cultura, com especial incidência nas áreas do conhecimento em que estão mais directamente envolvidos.

A resposta foi gratificante pois todos acederam a responder, enriquecendo este número com os seus depoimentos, que poderão proporcionar algum debate no seio da instituição, pois como escreveu o Dr. Álvaro Laborinho Lúcio, “é a Universidade, por sua natureza, e como sempre, a ter de afirmar-se enquanto lugar e tempo de cultura”.

Aqui fica expressa a nossa gratidão a todos quantos, de um modo generoso e solidário, aceitaram partilhar as suas reflexões com toda a comunidade académica.

Este número abre com um texto cuja qualidade literária se torna desnecessário exaltar, através do qual José Manuel Mendes (membro do plenário do CC desde a sua criação) percorre, entre memórias e afectos, uma Guimarães “nunca vista”, parafraseando outro poeta de eleição.

Segue-se um conjunto de artigos que revelam alguns pequenos tesouros desconhecidos existentes nas UC com acervos patrimoniais mais relevantes, como sejam manuscritos com poesia barroca no Arquivo Distrital, fotografias inéditas de Braga, de 1863, na Biblioteca Pública, uma rara litografia do Bom Jesus do Monte e uma surpreendente colecção de estatuetas egípcias no Museu Nogueira da Silva.

Mas este volume inclui ainda a oração de sapiência sobre Arqueologia com que a Professora Manuela Martins nos brindou no Dia da Universidade, em 2013 e uma introdução ao estudo da publicação das “Memórias Paroquiais de 1758”, projecto que nasceu no seio da UM e tem sido coordenado pelo Professor José Viriato Capela, o qual põe ao alcance dos investigadores, de um modo científico, aquela que Vitorino Magalhães Godinho considera “a mais importante fonte de conjunto para a história portuguesa”.

Por sua vez o Centro de Estudos Lusíadas, cumprindo a sua missão, apresenta-nos um estudo sobre a influência artística do Minho em Minas Gerais no séc. XVIII.

Enfim, este é um número que evidencia algumas das potencialidades das Unidades Culturais da UM, do património muitas vezes ignorado que encerram, abrindo novos caminhos e perspectivas para a sua divulgação e estudo, não esquecendo que a ligação com a modernidade, com a criação contemporânea tem sido assegurada pela programação do Conselho Cultural, pois como afirma a sua presidente, Professora Ana Gabriela Macedo, “a cultura é um estado dinâmico, uma recusa do quietismo e do conformismo”. É **também**, acrescento eu.

Henrique Barreto Nunes